

# Morfologia Portuguesa

José  
Lemos  
Monteiro

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Monteiro, José Lemos, 1944 –  
Morfologia Portuguesa / José Lemos Monteiro.  
4ª edição revista e ampliada. – Campinas: Pontes, 2002.

Bibliografia  
ISBN 85-7113-056-6

1. Português – Morfologia I. Título

91-2056

CDD-469.5

## Índices para catálogo sistemático:

1. Estrutura da palavra: Português: Lingüística 469.5
2. Morfologia: Português: Lingüística 469.5
3. Palavras: Estrutura: Português: Lingüística 469.5



**4ª EDIÇÃO**  
Revista e Ampliada

Pontes

## NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Vamos começar o nosso estudo, tentando assimilar alguns conceitos básicos. Temos que saber, antes de mais nada, quais as tarefas da morfologia e quais as unidades da língua que pretendemos descrever.

### CONCEITO DE MORFOLOGIA

Na constituição do termo *morfologia* encontram-se os elementos [morf(o)] e [logia], do gr. *morphē* = 'forma' e *logía* = 'estudo'. A partir daí, já podemos inferir que a morfologia, referindo-se a uma língua como a portuguesa, é a parte da gramática que descreve a forma das palavras. Os gramáticos e linguistas parecem unânimes quanto a isso. Só para fixar, citemos duas definições semelhantes:

a) A morfologia, como disciplina lingüística, trata da forma interna das palavras, mais precisamente de sua estrutura (Ortega, 1990:3).

b) Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras (Jensen, 1990:1).

Saber que a morfologia se ocupa da forma representa muito pouco, se não temos uma idéia exata do que seja forma. Nas definições citadas acima, este termo é sinônimo de *estrutura*, o que ainda não nos satisfaz, se não compreendermos bem a noção de estrutura. Mas, pelo menos, não será difícil perceber que toda estrutura contém elementos intimamente relacionados.

Raciocinando por esse ângulo, entendemos que as palavras são constituídas de unidades menores que, combinadas, produzem um significado. As palavras, portanto, apresentam *forma* e *significado* e, como não costumam ser empregadas isoladamente, exercem também uma *função* em cada enunciado onde aparecem. Forma, função e significado são elementos solidários e interdependentes, de tal modo que só num plano de abstração um existe sem os outros. Daí a definição de Carreter (1962):

Forma é o aspecto sob o qual se apresenta um elemento lingüístico, com a abstração de seu sentido e função.

Creemos que já é possível entender então que a morfologia tem por objeto de estudo:

- a) a forma interna das palavras, ou seja, sua estrutura;
- b) a relação formal entre palavras;
- c) os princípios que regem a formação de novas palavras.

## PALAVRA E VOCÁBULO

Geralmente os dois termos são usados indistintamente para designar um conjunto ordenado de fonemas que expressam um significado. Assim, os fonemas /l/, /u/, /t/, /a/, nesta seqüência, formam o substantivo **luta** que significa, por exemplo, 'combate'.

Entretanto, na preposição **de**, observamos que há um conjunto de dois fonemas ao qual não podemos atribuir um significado. Há, então, uma diferença básica entre os vocábulos **luta** e **de**.

Se quisermos, porém, relacionar o termo **luta** com outro qualquer, como **serpentes**, sentimos a necessidade de um elo. Temos:

**luta ← de → serpentes**

Os vocábulos **luta** e **serpentes** estão associados e ambos expressam idéias. O **de**, ao contrário, parece vazio, apresentando apenas uma função.

A função pode ser entendida como a aplicação que uma forma tem na língua em vista de seu valor gramatical (Câmara Jr., 1968). Assim, a preposição **de** tem a função de relacionar dois termos, enquanto o [s] final de **serpentes** tem a de indicar o plural.

Com base nessa distinção, reservamos o termo *palavra* somente para os vocábulos que apresentam significado lexical. É fácil tirar uma conclusão: *Toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra.*

Os vocábulos que não são palavras, como as preposições e conjunções, denominam-se *instrumentos gramaticais*. São, na terminologia de Câmara Jr. (1970), *formas dependentes* (pois não funcionam isoladamente num enunciado), ao contrário das palavras, que normalmente são *formas livres* (nomes, verbos, pronomes) e, como tais, podem existir sozinhas num enunciado.

Em linhas gerais, essa distinção coincide com a que Carvalho (1974) oferece para os vocábulos que, em outra terminologia, se denominam *lexemas* e *categoremas*. Os *lexemas*, em número ilimitado, abrangem os nomes (substantivos, adjetivos e advérbios de modo) e os verbos. Mas é de ressaltar que,

entre os *categoremas*, o autor inclui os pronomes e advérbios (excetuando-se os de modo), além naturalmente dos artigos, preposições e conjunções.

Resta esclarecer que alguns autores preferem outra distinção, segundo a qual o vocábulo seria a palavra encarada apenas como conjunto de fonemas, sem se levar em conta o significado ou função. Assim, o termo *palavra* se aplicaria tanto aos *lexemas* quanto aos instrumentos gramaticais. E *vocábulo* seria a forma concreta com que cada palavra, lexical ou gramatical, ocorre nas frases (Azeredo, 2000:69).

Fixemos as seguintes noções:

- Os vocábulos divergem quanto à estrutura e significado. Alguns se constituem apenas de um elemento, outros apresentam vários constituintes.
- Há dois tipos de significado: o lexical e o gramatical.
- As palavras representam idéias e, assim, têm significado lexical.
- Os vocábulos que não traduzem idéias são instrumentos gramaticais e servem para estabelecer relações entre as palavras.
- São palavras as formas livres, geralmente nomes, pronomes e verbos.
- Não são palavras as formas dependentes, como as preposições e conjunções.

## MORFE E MORFEMA

Vimos que a morfologia estuda a forma ou estrutura interna das palavras. A estrutura é constituída de elementos associados e uma das tarefas será a de identificá-los. Eles constituem as menores unidades formais dotadas de significado e, por isso, se denominam *morfemas*.

Em princípio, todo morfema se compõe de um ou vários fonemas, e destes difere, fundamentalmente, pelo fato de apresentarem significado (Gleason Jr., 1978). Como é fácil de perceber, isoladamente os fonemas nada significam. Se pronunciamos /p/ ou /t/, ninguém associa ao som emitido nenhuma idéia. Mas, de modo oposto, em geral só existe o morfema quando a unidade mínima apresenta um significado. É o que basicamente afirmam as seguintes definições:

a) Os morfemas são os elementos mínimos das emissões lingüísticas que contêm um significado individual (Hockett, 1967: § 14.1).

b) Um morfema é a unidade mínima no sistema de expressão que pode ser correlacionada diretamente com alguma parte do sistema do conteúdo (Gleason Jr., 1978:58).

c) Um morfema pode ser definido como "unidade gramatical mínima distintiva", uma subunidade da palavra, que não pode ser significativamente subdividida em termos-gramaticais (Lang, 1990:22).

d) Os morfemas são as menores unidades significativas que podem constituir palavras ou partes de palavras (Nida, 1962: § 1.1).

e) Morfema é a menor parte indivisível da palavra que, por sua vez, tem uma relação direta ou indireta com a significação (Dokulil, *ap.* Vachek, 1970:49).

Se quisermos usar os termos de modo bem preciso, deveremos compreender que o morfema é uma entidade abstrata que não se confunde com uma única e mesma forma. Na prática, um morfema pode apresentar variações formais. Assim, se observarmos as palavras **vida** e **vital**, parece evidente que em ambas existe um mesmo morfema, que se realiza como [vid] e [vit]. A realização de um morfema se denomina de *morfe* e, quando há mais de uma, já podemos adiantar que constituem *alomorfes*. Insistamos então no fato de que o morfe é a concretização de um morfema, ou seja, uma seqüência fonêmica mínima a que se pode atribuir um significado.

Essa distinção é muito semelhante à que existe entre *fonema* e *fone*. O fonema constitui uma entidade abstrata que, quando se realiza, pode consistir em sons diferentes. O [t], por exemplo, não se pronuncia do mesmo jeito em **tela** e **tive**. A realização de um fonema se denomina de *fone* e, como sempre há mais de uma possível, todo fonema na prática apresenta diversos *alofones*.

Nem sempre, porém, os autores são rigorosos quanto a isso. E assim o termo *morfema* costuma ser usado em contextos em que seria mais preciso falar-se de *morfe*. Mas é bom pelo menos guardar a analogia:

<u>morfema</u> :: <u>fonema</u>
morfe      fone

## SEMANTEMA E MORFEMA

Semantema é a parte da palavra em que se concentra o significado lexical básico, confundindo-se pois com o que geralmente se denomina de raiz. Trata-se na realidade de uma espécie de morfema, o que concentra o núcleo significativo da palavra. Mas, por isso mesmo, pode opor-se aos demais tipos de morfema.

Assim, temos dois modos de interpretar. Num conceito amplo, morfema é qualquer unidade lingüística dotada de forma e significado. Neste sentido, o semantema é um tipo de morfema que se combina com outros para a realização ou circulação do vocábulo entre os falantes da língua. Num conceito restrito, reserva-se o termo *morfema* aos elementos que se opõem ao semantema, e este se refere à parte fundamental ou núcleo significativo do vocábulo.

Exemplificando:

Na palavra **belíssimas** há o semantema [bel] e os morfemas [íssim + a + s]. Outros morfemas poderiam agregar-se ao semantema [bel], produzindo-se uma diversidade de vocábulos como **beleza**, **embeleazar** ou **embelezamento**.

Para melhor explicação, citemos algumas passagens de Hjelmslev:

a) Os semantemas são elementos que guardam o conteúdo da série e os morfemas são os que formam este conteúdo de um determinado modo gramatical (Hjelmslev, 1976:82).

b) Os semantemas podem em grande proporção substituir-se por outros sem que com isso o sintagma mude de natureza, ao passo que os morfemas quase nunca podem substituir-se por outros sem que o sintagma seja influenciado (Hjelmslev, 1976:98).

c) Comparando a série lingüística com uma série matemática (1 + 5 - 3, a + b - c...), podemos dizer que os morfemas são como os sinais de operação matemática, enquanto os semantemas são como as variáveis (Hjelmslev, 1976:99).

## CLASSIFICAÇÃO DOS MORFEMAS

Várias são as classificações para os morfemas. Uma delas os divide em:

### a) Morfema Lexical

Constitui o núcleo semântico da palavra e, como já sabemos, costuma ser denominado de *semantema*. É a parte comum a um grupo de palavras aparentadas pelo vínculo de significação. Assim, [caval] em: cavalo, cavalariço, cavaleiro, cavalete etc.

### b) Morfema Derivacional

Exemplos: caval + [eiro]  
caval + [aria]

Os morfemas [aria] e [eiro] são derivacionais porque possibilitaram a criação de novas palavras a partir da forma primitiva **cavalo**.

*Forma primitiva* é o vocábulo de que se originam outros através do processo da derivação. Os vocábulos derivados se denominam *formas secundárias*.

### c) Morfema Categórico

Exemplos: peru + [a]  
peru + [s]  
and + [o]

Os morfemas [a], [s] e [o] não criam novas palavras. Apenas indicam as flexões que as formas assumem. O [a] marca o feminino em **perua**, o [s] assinala o plural em **perus** e o [o] traduz a noção da primeira pessoa singular (**eu**) em **and**. Os morfemas categóricos podem, pois, ser denominados de *morfemas flexionais* ou *morfemas gramaticais*. Sua função é a de permitir que as formas se apresentem nas diversas categorias próprias dos nomes ou dos verbos.

O termo *categoria* tem aqui sentido restrito e equivale a *flexão*. Há para os nomes duas categorias: a de gênero e a de número. O gênero tem as subcategorias de masculino e feminino. O número, as subcategorias de singular e plural. Nos verbos encontram-se as categorias de modo, tempo, aspecto, número e pessoa, divididas em diversas subcategorias.

### d) Morfema Relacional

Exemplos: Falo **com** José.  
Livro **de** João.

As preposições **de** e **com** funcionam como elo entre duas palavras. Distinguem-se dos morfemas categóricos ou dos derivacionais porque não são formas presas. Observemos que as flexões sempre aparecem após o semantema, integrando o corpo fonológico do vocábulo. De modo igual, os elementos que produzem novas palavras, agregando-se a uma raiz, obedecem ao mesmo princípio. As preposições, ao contrário, são vocábulos morficamente autônomos, sendo possível usar outras palavras entre elas e os termos que se lhes seguem.

É útil, pois, fixar que a possibilidade de intercalação ou de disjunção caracteriza as chamadas *formas dependentes*. Assim, em “livro de João”, podemos separar a preposição do substantivo pela introdução de outros vocábulos, como em “livro de *teu primo e grande amigo* João”. A disjunção ocorre, por exemplo, com os pronomes átonos que possuem mobilidade em relação aos verbos de que dependem. Em “eu me chamo José”, o clítico **me** facilmente se desloca para depois do verbo, comprovando que não se trata de forma presa.

Resta compreender que os morfemas relacionais podem ser formas semantemáticas. Em “Maria aprendeu a lição”, o verbo estabelece uma relação entre o sujeito **Maria** e o objeto **lição** e, por esse motivo, em sentido amplo, é um morfema relacional. Como se percebe, aqui se usa outro critério, o sintático, razão pela qual esta classificação oferece alguns problemas.

### e) Morfema Classificatório

Há, por fim, uma espécie bastante discutida de morfema. Trata-se daqueles que nada parecem acrescentar ao significado do vocábulo, mas servem para definir sua estrutura, se nominal ou verbal. Seriam, então, os morfemas classificatórios, identificados pela vogal temática.

Exemplos:

[menin] + [o]	[estud] + [a] + [r]
[cadeir] + [a]	[corr] + [e] + [r]
[doent] + [e]	[ca] + [i] + [r]

As vogais destacadas nada significam. Alguns autores entendem que, por isso, elas não devem ser consideradas morfemas, já que estes constituem unidades de forma e significado. Todavia, elas não deixam de ter uma função gramatical: a de situar o vocábulo num paradigma, agrupando-o numa estrutura nominal ou verbal. Sabemos que **menino**, **cadeira** e **doente** pertencem à classe dos nomes por causa da vogal temática. Pelo mesmo motivo, **estudar**, **correr** e **cair** são reconhecidos como verbos de diferentes conjugações.

Empregamos acima o termo *paradigma*, muito usado nas descrições da estrutura morfológica. Trata-se de um conjunto de unidades lingüísticas que se excluem umas às outras por sistemas de oposição. Se uma delas se realiza, todas as demais permanecem ausentes. As desinências verbais, por exemplo, estabelecem um paradigma em que a escolha de uma elimina as outras. As classes gramaticais constituem também exemplos de paradigma. Ao usarmos o adjetivo **estudioso**, no contexto **aluno estudioso**, há um relacionamento virtual com todas as palavras que poderiam estar no lugar de **estudioso**, mas que foram excluídas. Nesse contexto, em função do paradigma, qualquer uma delas será um adjetivo.

Um termo freqüentemente associado a paradigma é *sintagma*, que já apareceu numa citação de Hjelmslev sobre a distinção entre semantema e morfema. No sintagma não há uma relação virtual ou possível, mas uma relação presente entre duas unidades, uma das quais depende da outra. Assim, podemos dizer que, no exemplo dado, **alu-**

**no estudioso** é um sintagma em que **aluno** é o termo principal ou determinado e **estudioso** é subordinado ou determinante. Considerando só o vocábulo **estudioso**, observamos também que morfologicamente ocorre um sintagma, em que [(i)oso] se associa a [estud] numa relação de dependência.

Resumindo:

- O morfema se distingue do fonema pelo fato de apresentar significado.
- O morfema é uma entidade abstrata que pode realizar-se sob diversas formas denominadas de *alomorfes*.
- O morfema está para o morfe assim como o fonema está para o fone.
- O semantema é a parte da palavra em que se concentra o significado lexical básico.
- Os morfemas podem ser classificados em:
  - a) lexicais (raízes);
  - b) derivacionais (sufixos, infixos e prefixos);
  - c) categóricos (desinências nominais e verbais);
  - d) relacionais (preposições, artigos, conjunções, pronomes relativos);
  - e) classificatórios (vogais temáticas).

## OUTRAS DENOMINAÇÕES

Adotamos neste livro a distinção entre morfema e semantema, por julgarmos que tais termos satisfazem aos objetivos de nosso estudo. Todavia, na literatura lingüística, há uma série de outras designações cujos conceitos às vezes não divergem tanto do de morfema. Só a título de ilustração, vamos a seguir esclarecer algumas delas.

## GRAMEMA E LEXEMA

Tais termos, freqüentes na terminologia de Pottier, correspondem basicamente à distinção entre morfema gramatical e morfema lexical.

Os gramemas podem ser formas presas (no caso de afixos que se articulam com os núcleos significativos dos lexemas) ou formas soltas (como se verifica com os artigos, as preposições e alguns advérbios).

Os lexemas, por seu turno, constituem as unidades de base do léxico e pertencem a inventários ilimitados e abertos, uma vez que novos radicais podem ser criados.

Pottier emprega ainda outros termos, como *lexia*, elemento do léxico que se opõe ao morfema e à palavra. A *lexia* é a unidade funcional significativa do discurso e se classifica em simples (**cavalo**), composta (**cavalo-marinho**) e complexa (**a cavalo**).

## GLOSSEMA E PLEREMA

O conceito de glossema equivale praticamente ao de morfema, mas tem aplicação mais geral, desde que inclui também o de tagmema, conforme a explicação de Spang-Hansen (1967). Tanto num caso como em outro, constitui um elemento do sistema lingüístico (Holt, 1967) e, quer no plano da expressão quer no plano do conteúdo, é identificado como uma invariante irredutível, uma forma mínima não sujeita a novas divisões.

Vale observar que o termo se prende à corrente da glossemática, que teve em Hjelmslev um de seus maiores representantes. Tal corrente propunha que a língua fosse descrita como um fim em si e não como meio. Ou seja, como uma estrutura *sui-generis*, fechada em si própria.

Com relação ao termo *plerema*, igualmente próprio da glossemática, pode-se entender que se trata de uma unidade do conteúdo que permite um número infinito de variantes. Como figura de conteúdo, o plerema opõe-se ao *cenema*, elemento vazio de significado que, por isso, corresponde ao fonema. Distingue-se o *plerema central*, associado à noção de tema ou radical, do *plerema marginal*, aplicável ao que se denomina de afixo (Fernández, 1973; Holt, 1967).

## MONEMA E SINTEMA

O termo *monema*, de acordo com Martinet (1985), foi cunhado por Henri Frei para designar a unidade significativa mínima. Ainda segundo Martinet (1993), há uma identidade perfeita entre o conceito de monema para Frei e o de morfema para os lingüistas americanos.

Contudo, Martinet tenta defender que os dois termos devem ter conceitos diversificados. Enquanto o morfema seria o segmento do enunciado que corresponde a um significado, o monema consistiria no efeito de sentido que corresponde a uma diferença formal.

Na prática, porém, torna-se difícil perceber a distinção. O próprio Martinet (1985) define o monema como unidade dotada de um conteúdo semântico e de uma expressão fônica articulada em unidades distintas e sucessivas, que são os fonemas.

Em Debaty-Luca (1986) há definições análogas:

- a) Monema é todo signo cujo significante é indivisível.
- b) É qualquer signo cujo significante não pode ser analisado sintagmaticamente.
- c) É um signo cujo significante é insegmentável, isto é, não divisível em significantes menores.

Um complexo formado de monemas ligados é denominado de *sintema* (Martinet, 1985). O sintema é, portanto, qualquer signo susceptível de ser considerado como formado de dois ou mais elementos semanticamente identificáveis que, em todos os aspectos, se comportam sintaticamente como os menores elementos aos quais ele pode opor-se (Martinet, 1968). Ou seja, é um signo lingüístico que resulta da combinação de outros, mas se comporta como se fosse um único monema.

## EXERCÍCIO I

1. As palavras têm forma, função e significado. Se à morfologia compete o estudo da forma, que disciplinas tratariam da função e do significado?

2. Entre os pronomes pessoais, quais os que não são formas livres?

3. Demonstre que a primeira vogal de **Recife** pode ser pronunciada pelo menos de três maneiras diferentes. No caso, trata-se de alofones ou de alomorfes?

4. Levando em conta os conceitos já assimilados, decida se uma simples alteração na grafia é capaz de modificar uma forma. Raciocine com o seguinte exemplo: o semantema do verbo **brincar** é [brinc]; em **brinquei** há mudança na forma interna?

5. Os constituintes de **morfema** são [morfe] = 'forma' e [ema] = 'menor unidade'. O vocábulo **morfema** significa literalmente 'forma mínima'. Aplique o mesmo procedimento para os vocábulos **fonema** e **lexema**.

6. O pronome relativo **que** é palavra ou instrumento gramatical?

7. Classifique os morfemas das palavras segmentadas abaixo:

- a) arvor - ed - o - s;
- b) form - os - ur - a;
- c) camis - ol - inh - a - s;
- d) mar - inh - eir - o;
- e) and - á - va - mos.

8. Substitua o morfe [va] de **andávamos**, como em **andaremos**, tantas vezes quantas for possível essa operação, e diga o que acontece com o significado do vocábulo. Em seguida, para fixar bem a noção de paradigma, delimite o conjunto desses morfes capazes de ocupar a mesma posição.

9. Como na questão anterior, estabeleça oposições flexionais para **mestre** e **cadeira**. Ambos os vocábulos permitem o mesmo número de oposições? Que morfemas constituem o paradigma flexional dos nomes?

10. Observe a frase: "Ela me deu um doce". Substitua o pronome átono **me** pelas formas correspondentes das outras pessoas gramaticais. Aqui também se encontra um exemplo de paradigma?

11. Fonologicamente, tanto em **abata** como em **a bata** só há um vocábulo. Todavia, morficamente, em **a bata** existem dois vocábulos. Como se explica esse fato?

12. Tomando como exemplo o [s] que ocorre em **lutas**, demonstre que os morfemas são arbitrários em relação aos significados gramaticais que representam.